



<http://doi.org/10.7213/2318-8065.04.02.p58-66>

Missa Folclórica de Passo Fundo: uma tentativa de diálogo inter-religioso no interior do Rio Grande do Sul

Passo Fundo's Folkloric Mass: an attempt of inter-religious dialogue in Rio Grande do Sul countryside

Gabriela Timm Lisbôa*

Resumo

A cada dois anos, a cidade de Passo Fundo, no interior do Rio Grande do Sul, se propõe a ser uma promotora da paz e amizade entre as nações por meio de um Festival Internacional de Folclore que reúne grupos folclóricos de diferentes países. Os festivais são organizados por uma organização não-governamental francesa, o CIOFF, e, além da dança e da música, as edições também abrem espaço para que os grupos apresentem ao público a sua religião. Cada edição conta com um Missa Folclórica. Este trabalho pretende compreender como o diálogo inter-religioso está presente nesta proposta de culto ecumênico a partir das definições do teólogo francês Paul Knitter.

Palavras-chave: Diálogo inter-religioso. CIOFF. Missa Folclórica. Paul Knitter.

Abstract

Every two years, the city of Passo Fundo - Rio Grande do Sul countryside, assumes the task to promote peace and friendship among nations through a Folklore Festival, which gathers folkloric groups from different countries. This festival is organised by a french non-governmental entity, CIOFF, in addition to dance and music, the editions also open space to those groups to present their own religions. Each edition has a Folkloric Mass. This work intends to comprehend how inter-religious dialogue is present in this ecumenic service proposal, stemming from the definitions of the French theologian Paul Knitter.

Keywords: Inter-religious dialogue. CIOFF. Folkloric Mass. Paul Knitter.

* Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade de Passo Fundo (2003) e especialização em Ciência da Religião para PUC-SP (2019). É mestranda em Ciência da Religião pela PUC-SP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6249-3387>. Contato: gabitisboa@gmail.com.

Introdução

O mapa religioso mundial está mudando. Se antes tínhamos crenças regionalizadas, ligadas a um povo ou a um local, os tempos modernos trouxeram a possibilidade do fiel se deslocar em infinitas distâncias, acompanhado de seu deus, de seus deuses, ou de tudo aquilo que sua religião representa. Da mesma forma, é possível que, longe da terra natal, esse fiel, mesmo que involuntariamente, apresente a sua religião para os novos amigos e a nova comunidade pode passar a dividir a mesma crença. No mundo globalizado, temos centros budistas no Brasil e centros de Candomblé na Alemanha.

O fim do regionalismo trouxe um problema que segue sendo um desafio para aqueles que estudam a religião: a convivência harmônica. Tanto no Ocidente quanto no Oriente, o fim do monopólio religioso e a chegada de novos deuses foi motivo para diversas guerras e conflitos – alguns se estendem até os dias de hoje.

Em todo o mundo surgem iniciativas para aproximar as religiões e possibilitar o diálogo. Na cidade de Passo Fundo, no interior do Rio Grande do Sul, a 288 quilômetros da capital do estado, Porto Alegre, a promoção do diálogo inter-religioso acontece a cada dois anos durante o Festival Internacional de Folclore, um dos mais de 300 festivais organizados no mundo pelo CIOFF, uma organização não-governamental francesa, criada depois da Segunda Guerra Mundial, para promover a paz entre os povos. Sempre no primeiro domingo de festival é organizado um culto ecumênico para que os grupos participantes possam mostrar um pouco da sua religião, das suas crenças.

A ideia é boa, mas nem sempre as boas intenções se transformam em boas práticas ou apresentam bons resultados.

O que acontece em Passo Fundo?

A movimentação tem data marcada, sempre no mês de agosto, nos anos pares, por cerca de quinze dias. Eu acompanho a mudança na cidade desde criança. Aos poucos, os estrangeiros vão chegando e tomando as ruas com suas roupas coloridas, seus idiomas tão diferentes, suas músicas animadas e seus bailados encantadores. São os participantes de mais uma edição do Festival Internacional de Folclore, que acontece na cidade a cada dois anos. Por alguns dias, os moradores mergulham em uma atmosfera atípica, têm uma sensação de que é possível viver em paz com o diferente, têm a certeza de que o outro pode abrir a janela para o mundo e ajudar a construir a paz, a amizade entre as nações. Antes de falar sobre a Missa Folclórica e o diálogo inter-religioso, preciso explicar o que acontece em Passo Fundo, o que é o festival e o que é o CIOFF, o Conselho Internacional de Festivais Folclóricos e Artes Tradicionais, o organizador do evento.

A história do CIOFF começa na França, mais precisamente na pequena cidade de Confolens, que possui menos de três mil habitantes, segundo o Instituto Nacional de Estatísticas e Estudos Econômicos da França, o INSEE. Foi lá que Henri Baptiste Barthélémy Coursaget, sobrevivente da Segunda Guerra Mundial, viu a oportunidade de aproximar as nações por meio da cultura regional, do folclore e da arte. A ideia base era que se os povos pudessem se conhecer, se respeitar e respeitar a diferença, a amizade entre as nações evitaria novas guerras.

Em 1958, Henri Coursaget se inscreveu para ser voluntário em um evento que estava sendo criado em Confolens: o *Folklore des Pays d'Ouest*, ou Folclore dos Países Ocidentais, em tradução livre – que, embora tivesse esse nome, reuniu na primeira edição apenas grupos artísticos-folclóricos franceses.

De acordo com o site oficial do Festival de Confolens, nessa primeira edição, o evento foi presidido por um comitê coordenado pelo presidente do Collège de Confolens, Henri Désaphie, e formado por todos os presidentes de associações culturais do município, entre eles, Henri Coursaget, então presidente do Ciné-Club de Confolens.

Com cerca de seis mil ingressos vendidos em dois dias, o evento foi considerado um sucesso e a segunda edição começou a ser organizada. Por vontade de Henri Désaphie, dessa vez o evento seria coordenado por uma pessoa mais jovem: Henri Coursaget.

A primeira decisão do novo presidente foi transformar o evento em um festival internacional, tendo, já no ano seguinte, em 1959, três dias de duração e a presença de grupos artísticos da Escócia, Polônia e Suécia. Na terceira edição, em 1960, com quatro dias de duração, o Festival de Confolens reuniu representantes da Áustria, Romênia, Itália, Espanha e Iugoslávia. Crescendo cada vez mais, em 1970, na 15ª edição do festival, Coursaget encontrou uma forma de levar o evento para outros países.

Em agosto de 1970, Henri Coursaget reuniu em torno da mesma mesa representantes da Espanha franquista, da Polônia e da União Soviética Comunista para apresentar um projeto para a criação de um Comitê Internacional de Organizações de Festivais de Folclore. Poucos dias depois, a associação foi criada oficialmente na sala de reuniões da Prefeitura e os estatutos foram depositados na subprefeitura de Confolens (SITE DO FESTIVAL DE CONFOLENS).

Surgiu, assim, o Conselho Internacional de Organização de Festivais Folclóricos e Artes Tradicionais, o CIOFF, uma organização não governamental que teria, em 2018, um total de 100 países membros em todas as regiões do globo, entre eles o Brasil.

A seção brasileira do CIOFF começou a ser criada no início da década de 1980, por iniciativa da artista plástica pernambucana Luisa Cavalcanti Maciel. Luisa Maciel foi incorporada ao quadro do CIOFF mundial como delegada pelo Brasil no dia 28 de dezembro de 1984, na cidade de Fribourg, Suíça. Quatro anos depois, no dia 28 de dezembro de 1988, o CIOFF Brasil foi incorporado oficialmente ao setor latino-americano e Caribe¹.

Os festivais de folclore e a paz mundial

A principal atividade do CIOFF no mundo é a organização de festivais de folclore, eventos que reúnem grupos artísticos de diferentes países. Cada grupo convidado deve apresentar um número de música e dança a cada noite no palco principal do festival, que deve ter ingressos com preços acessíveis para que os moradores da cidade onde ele acontece possam participar. Além disso, os grupos também devem fazer apresentações gratuitas nas ruas e praças da cidade, conforme determinado pela organização.

Ao aceitar participar de um festival, o grupo aceita também participar de todas as atividades propostas pela organização. São atividades elaboradas para permitir que os grupos convivam e troquem experiências, conheçam-se e construam uma amizade. Ao voltar para casa, a intenção é que cada integrante de cada grupo possa contar aos amigos e parentes o que encontrou, quem conheceu e os preconceitos que desconstruiu. É comum que cada edição de festival pelo mundo chame grupos de países que estão em conflito ou que enfrentem algum tipo de hostilidade.

Hoje, o CIOFF coordena aproximadamente 250 festivais internacionais de folclore e artes tradicionais a cada ano. Este é um terreno fértil excepcional para intercâmbios interculturais

¹ Luisa Maciel morreu no dia 27 de dezembro de 2012. Atualmente, quem ocupa o cargo de presidente do CIOFF Brasil é o médico mineiro Marco Antônio Carvalhaes.

para os 50.000 artistas de todo o mundo. Esses festivais são ótimas oportunidades para promover a amizade entre os povos, para combinar a busca da paz com a estima e o reconhecimento da diversidade cultural. Mas eles também oferecem a oportunidade de se alegrar no folclore e artes tradicionais de outros como representantes de uma cultura de paz e, assim, contribuir para promover a causa da paz entre diferentes povos e todas as nações (SAKMUNWONG, 2006, p. 5, tradução própria).

O CIOFF já realizou mais de seis mil festivais de folclore pelo mundo. Em cada festival, a organização segue um manual para a convivência dos grupos. Entre as atividades que devem ser programadas estão oficinas de dança, de instrumentos musicais e de idiomas, almoços ou jantares de confraternização, áreas de convivência para antes e depois de cada espetáculo e um culto ecumênico.

O festival de Passo Fundo e a Missa Folclórica

A primeira edição do Festival Internacional de Folclore de Passo Fundo aconteceu em agosto de 1992, seguindo todas as orientações do CIOFF, com a presença de 16 grupos do Brasil e de outros três países: Espanha, Itália e México. De lá para cá o festival cresceu. A edição mais recente aconteceu em agosto de 2018 com a presença de 13 países e de quatro estados brasileiros: África do Sul, Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Eslováquia, Estados Unidos, França, México, Peru, Polônia, Maranhão, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul. O festival conquistou o título de melhor festival de folclore do mundo em 2018, prêmio dado pela Federação Internacional de Festivais de Dança, FIDAF.

O festival organiza todas as atividades exigidas pelo CIOFF. O culto ecumênico, que ganhou o nome de Missa Folclórica, acontece, tradicionalmente, no primeiro domingo de festival, na Catedral Nossa Senhora Aparecida, no centro da cidade, e é celebrada pelo bispo diocesano e pelo pároco da catedral.

A Missa Folclórica, que acontece em todas as edições do Festival, é uma oportunidade para os grupos e a comunidade celebrarem a fé, a paz e a união entre os povos.

Esta celebração é hoje um acontecimento aguardado por tantas pessoas que superlotam a Catedral Nossa Senhora Aparecida desejando assim estar em comunhão com irmãos de diferentes credos, unidos pelo mesmo desejo: louvar o Altíssimo denominado pelo nome de Deus, Alá, Javé... – o Senhor da Paz (CIOFF, 2002, p. 41).

A missa, aberta a toda a comunidade, segue o rito católico, com acolhida, ritos iniciais, liturgia da palavra, liturgia eucarística e ritos finais. A missa folclórica de 2018 seguiu a orientação litúrgica do folheto de celebração eucarística número 2738, distribuído pela arquidiocese de Porto Alegre, que indicava a leitura de um trecho do Livro do Apocalipse de São João, do salmo 44 e de um trecho da Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios.

Para que os grupos folclóricos do festival pudessem participar do culto, todos os cantos indicados no folheto foram substituídos por cantos típicos da religião de cada país. Um a um, os grupos foram convidados a se levantar e cantar a música que escolheram para a ocasião. Durante as preces da comunidade, um integrante de cada grupo foi até o altar para falar, na sua língua natal, o próprio desejo e o de seus colegas. Todos, em frases curtas e rápidas, desejaram a paz mundial e a resolução de algum problema enfrentado no seu país de origem.

A Missa Folclórica e o diálogo inter-religioso

A discussão sobre as melhores formas de promover o diálogo entre as religiões não é nova. Mas, ao mesmo tempo em que teólogos, cientistas da religião e pesquisadores de outras áreas analisam as possibilidades de entendimento entre as diferentes crenças, conflitos e preconceitos seguem ganhando força em algumas partes do mundo.

O diálogo inter-religioso pode acontecer de diferentes formas, mas existem três paradigmas mais comuns, principalmente dentro das igrejas cristãs: o exclusivista, o inclusivista e o pluralista.

O modelo exclusivista, como o próprio nome diz, está baseado no conceito de exclusão do diferente, na ideia de que a única religião verdadeira é a própria, o que significa dizer que qualquer ideia ou visão esboçada por outra religião é rejeitada.

O exclusivismo realça a confissão da própria fé ou a afirmação da posição religiosa pessoal, exclui a possibilidade de qualquer outra religião que compartilhe a verdade e o acesso à transcendência de forma igual ou de comparável valor. As outras tradições são vistas como diversos graus de erro e de confusão (PAINE, 2008, p. 100).

Do ponto de vista católico, a igreja do Vaticano é a única que oferece os recursos necessários para a salvação, é o *“extra ecclesiam nulla salus”*, ou *“fora da igreja não há salvação”*. A posição exclusivista também serviu para o combate ao movimento da Reforma Protestante, que alegava que a salvação não estava na igreja, mas em Jesus Cristo.

Assim, nessa perspectiva, somente o cristianismo é capaz de salvar, por isso todas as outras religiões são vistas de forma negativa. [...] Do ponto de vista teórico, a posição exclusivista foi o sustentáculo da posição hegemônica exercida pelo catolicismo durante toda a Idade Média e, em alguns países, mesmo durante a Modernidade (SANCHEZ, 2010, p. 68-69).

Enquanto isso, o seguidor do modelo inclusivista admite a concordância com outras religiões, mas sem colocar a própria fé em risco, já que a religião do seguidor desse modelo segue sendo superior a ponto de nortear a interpretação dos elementos da outra. É como se a outra religião só encontrasse sentido quando analisada a partir dos critérios estabelecidos pela religião do seguidor inclusivista.

O inclusivismo entende uma tradição religiosa como já contendo, implícita, se não explicitamente, o essencial das verdades e dos valores positivos de outras tradições. Dessa forma, uma atitude positiva pode ser adotada para com elas. [...] A diferença entre inclusivismo e pluralismo é apenas uma diferença de abordagem. O inclusivismo ainda se articula de dentro de uma dada tradição, com o intuito de abrir a perspectiva teológica a um horizonte mais inclusivo, mas sem largar a adesão à religião em questão (PAINE, 2008, p. 100-101).

Paul Knitter é um dos principais representantes do terceiro paradigma do diálogo inter-religioso, a teologia pluralista, ainda considerada em construção. O pluralismo chega com uma visão teocentrista, em detrimento da cristocentrista. Ou seja, a salvação está em Deus, independente da narrativa ou figura salvífica que o indivíduo use para chegar a ele.

Nesta perspectiva, as diferentes religiões são vias variadas que conduzem a Deus e, por isso, têm a mesma validade. [...] A posição do pluralismo nasce do esforço de tantos teólogos de construir um referencial teórico que, num mundo com grande diversidade religiosa, possibilite um diálogo sincero do cristianismo com as outras religiões (SANCHEZ, 2010, p. 73).

A teologia pluralista de Knitter é descrita no livro *One Earth Many Religions: Multifaith Dialogue and Global Responsibility*, analisado por Faustino Teixeira (1999, p. 159):

Em favor de uma real partilha de direitos no campo do diálogo entre as diversas tradições religiosas, Knitter pontua que, em razão mesmo de suas diferenças com respeito ao cristianismo, as outras religiões podem ser igualmente válidas e eficazes enquanto portadoras de verdade, paz e bem-estar com Deus (p. 61). Isto não significa propalar um relativismo ou fácil universalismo. Longe de afirmar uma uniformidade, o que vem proposto é justamente o contrário, ou seja, a defesa e a singularidade da diversidade. O que propugna uma teologia pluralista e correlacional é antes de tudo o reconhecimento das diferenças evidentes e reais entre as diversas tradições religiosas (p. 64); a afirmação da validade deste mundo de diferenças, irremovíveis e irrevogáveis (p. 64-65); o reconhecimento de que esta diversidade preciosa e importante deve ser compartilhada e comunicada (p. 68).

O pluralismo de Knitter não deixa de reconhecer Jesus como salvador, mas abre espaço para o reconhecimento de outras formas de salvação, apresentadas por outras religiões, sem a necessidade que elas sejam “incluídas” no cristianismo. Para o autor, um diálogo inter-religioso eficaz passa pelo reconhecimento e pela aceitação das diferenças, pelo respeito à diversidade como base para o surgimento de uma cultura de tolerância e de reconhecimento da identidade do outro (RIBEIRO; SOUZA, 2012).

Para além dos três modelos apresentados, no livro *Introdução às Teologias das Religiões*, Knitter apresenta quatro abordagens para o diálogo inter-religioso: de substituição, satisfação, mutualidade e aceitação. Os modelos de substituição e de aceitação estão nos extremos, sendo assim, o modelo de substituição é o menos plural e parte do princípio que a verdade está no evangelho, em Jesus Cristo, única chance de salvação. Na outra ponta, o modelo de aceitação segue a ideia da teologia pluralista. Segundo Knitter, o modelo de aceitação é o mais jovem de todos e ganhou visibilidade nas últimas décadas do século XX. Ele se propõe a buscar um equilíbrio entre a universalidade e a particularidade, a política da boa vizinhança.

As religiões têm de ser boas vizinhas umas com as outras. Porém, ao fazê-lo, cada uma delas precisa reconhecer que, realmente, “boas cercas fazem bons vizinhos”. Cada religião possui seu próprio quintal. Não há “algo em comum” que todas elas compartilham. Para serem boas vizinhas, então, que cada religião cuide do seu próprio quintal, mantendo-o limpo e arrumado. Ao falar com um vizinho religioso – e é isso que bons vizinhos fazem uns com os outros –, recomenda-se assim fazê-lo pela cerca dos fundos, sem tentar pisar no quintal um do outro para descobrir o que por ventura houver de comum entre si (KNITTER, 2008, p. 287).

Entre os dois estão os modelos de satisfação, também chamado de complementação, e o de mutualidade. O de satisfação admite a existência de outras religiões, e se esforça para compreendê-las, mas as coloca em menor grau de importância, são inferiores quando comparadas ao cristianismo.

[...] o novo modelo representa o que se considera um passo à frente no esforço cristão por chegar a uma compreensão ponderada das demais tradições religiosas. Oferece-nos uma teologia que atribui pesos iguais a duas convicções cristãs de que já ouvimos falar: que o amor de Deus é universal, estendendo-se a todos os povos, mas também que o amor de Deus é particular, tornado real, concreto, em Jesus Cristo (KNITTER, 2008, p. 107).

De acordo com Knitter, enquanto o modelo de substituição foi dominante durante a maior parte da história cristã, o de complementação representa o cristianismo dos dias atuais, já que representa o

pensamento das principais igrejas, entre elas, a Católica, a Grega Ortodoxa, Anglicana, Luterana e a Metodista.

O modelo da mutualidade admite a existência de uma verdade suprema que se manifesta em várias religiões, recebendo diferentes interpretações, de acordo com a língua e a cultura de cada povo. Enquanto o modelo de complementação focava na particularidade de Jesus, o de mutualidade se atém ao amor universal e à presença de Deus em outras religiões. Segundo Usarski:

Em tensão com o modelo de satisfação, porém, o modelo da mutualidade não toma posição em favor de nenhuma das religiões concretas. Em vez disso, defende a ideia de uma única verdade suprema. Consequentemente, o modelo da mutualidade salienta a diversidade substancial do mundo religioso apenas relativizando-a pela ideia de que todas as religiões possuem um denominador comum. A identificação desse denominador depende das preferências dos “advogados” do modelo da mutualidade. Autores que se aproximam da diversidade religiosa a partir de uma perspectiva filosófica argumentam que, por trás das diversas formas culturais nas quais a religião se exprime, há um “absoluto” universal e, portanto, presente — de uma ou outra forma — em todas as religiões (USARSKI, 2014, p. 725-726).

Compreendendo as possibilidades de diálogo inter-religioso, volto a pensar na Missa Folclórica de Passo Fundo. A intenção, já se sabe, é das melhores. Possibilitar que pessoas de diferentes crenças possam se manifestar livremente, que possam ser compreendidas ao mesmo tempo em que compreendem o outro. O problema é que nem sempre boas intenções trazem bons resultados. A questão aqui é de que forma o culto ecumênico é organizado e qual o espaço disponibilizado para as crenças dos convidados estrangeiros.

Primeiro, o local onde o culto acontece, na catedral, a principal igreja católica da cidade. Isso, por si só, não seria um problema. É possível fazer um culto ecumênico em um templo de uma religião, mas, para que ele aconteça, é necessária a presença de representantes de outras religiões, e não apenas de padres, como na missa em questão. O nome Missa Folclórica também demonstra uma falta de compreensão do ecumênico. Os convidados são levados a uma igreja para participar de uma missa católica que segue toda a liturgia determinada pela Arquidiocese. São estrangeiros, mas não contam com tradução, apenas um aceno no momento em que devem se levantar para cantar a música escolhida — sem que sejam apresentados ao público ou que alguém explique qual é a religião daquele grupo. Da mesma forma, quando são convidados para ir até o altar fazer a prece da comunidade, os estrangeiros não têm a fala traduzida para o público e não recebem uma tradução das falas dos outros grupos.

Não existe inclusão ou esforço em compreender a religião do outro ou possibilitar que todos se compreendam. Os grupos são convidados a participar de uma missa católica e assim o fazem. Enquanto a proposta visa a um diálogo no modelo pluralista, a prática não oferece mais do que o inclusivismo. Pensando nos modelos de Paul Knitter, a proposta pode ser de aceitação, mas a prática fica entre a substituição e a satisfação, é como se as outras religiões, de fato, não importassem. Estará tudo bem, desde que todos os convidados aceitem participar de uma missa católica e cumpram a atividade proposta pelo CIOFF, mesmo que o principal objetivo, o do diálogo, não seja alcançado.

Considerações finais

Diz a sabedoria popular que de boas intenções o inferno está cheio, mas a verdade é que, em tempos de conflitos e intolerância religiosa, não podemos desperdiçar as boas intenções. É preciso lembrar que o festival é organizado por pessoas comuns, voluntários da comunidade das mais diversas profissões, que, dificilmente, em algum momento de suas vidas, estudaram os modelos de diálogo inter-religioso e, portanto, não têm consciência de como o culto deveria ser organizado. São todos — ou

pelo menos em grande maioria – católicos e oferecem aos visitantes aquilo que têm a oferecer: uma missa.

Mesmo que os grupos estrangeiros não compreendam tudo o que é dito e também não sejam compreendidos, não deixa de ser interessante observar a participação de grupos brasileiros. Em 2018, por exemplo, um grupo indígena entrou na catedral com seus chocalhos e sua música em tupi-guarani. Em anos anteriores, grupos da região Nordeste do Brasil louvaram seus orixás e foram aplaudidos por cristãos que se esforçaram para ver em lemanjá traços de Nossa Senhora Aparecida. Não seria esse – a busca de pontos em comum – o primeiro passo para um bom entendimento? O início do caminho para que se chegue aos modelos de mutualidade e aceitação?

O CIOFF organiza centenas de festivais de folclore em todo o mundo, todos os anos. Em cada um deles, um culto ecumênico é feito para que os participantes possam pedir aos deuses pela paz mundial. As equipes organizadoras de cada festival têm liberdade para organizar o culto da forma que julgam ser a melhor. Independente da forma, temos, a cada ano, em todo o mundo, centenas de celebrações que convidam grupos de diferentes religiões a refletir sobre a paz. Pequenas sementes que, esperamos, possam dar frutos em um futuro mais pluralista.

Referências

CIOFF. **Guia para los festivales internacionales CIOFF**. Centro Internacional CIOFF, Montreal, 2005.

CIOFF. **Revista comemorativa 10 anos do Festival Internacional de Folclore de Passo Fundo**. Passo Fundo: CIOFF, 2002.

COURSAGET, Henri. **Sem título**. Président d'honneur fondateur du CIOFF. in CIOFF. *Internacional CIOFF*. Brochura. Confolens: CIOFF, 2006, p. 3-4.

KNITTER, Paul F. **Introdução às teologias das religiões**. São Paulo: Paulinas, 2008.

KNITTER, Paul F. **One Earth Many Religions: Multifaith Dialogue and Global Responsibility**. New York: Orbis Books, 1995.

KÜNG, Hans. **Projeto de Ética Mundial**. 4ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

KÜNG, Hans. **Teologia a Caminho: Fundamentação para o diálogo ecumênico**. São Paulo: Paulinas, 1999.

PAINE, Scott Randall. Exclusivismo, Inclusivismo e Pluralismo Religioso. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 1, n. 1, p. 100-110, 2008.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira; SOUZA, Daniel Santos. **A Teologia das Religiões em foco: um guia para visionários**. São Paulo: Paulinas, 2012.

SAKMUNWONG, Udomask. **Objectifs et activités du CIOFF**. Preface du President. in CIOFF. *Internacional CIOFF*. Brochura. Confolens: CIOFF, 2006, p. 5-7.

SANCHEZ, Wagner Lopes. Pluralismo Religioso – As religiões no mundo atual. 2ªed. São Paulo: Paulinas, 2010.

SITE DO FESTIVAL DE CONFOLENS. **Le Festival de Confolens**. Disponível em: <https://sites.google.com/site/guidedudelegue/quelques-informations-theoriques/1-1-le-festival-de-confolens>. Acesso 29 set. 2018.

TEIXEIRA, Faustino. O Diálogo inter-religioso face ao Desafio da Responsabilidade Global. **Numen**, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 155-170, 1999.

USARSKI, Frank. A Ciência da Religião como disciplina auxiliar da Teologia das Religiões. **Pistis & Praxis**, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 719-736, mai./ago., 2014.

Recebido em 02/12/19

Aceito em 28/06/2020

Received 12/02/19

Approved 06/28/2020